

# Santiago

de Compostela

Um Caminho de Sonhos



ELEILSON SANTOS COSTA

# Santiago

de Compostela

Um Caminho de Sonhos



Rio de Janeiro

2015



O AUTOR responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo da sua OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente da violação de direitos autorais ou direitos de imagem contidos na OBRA, que declara, sob as penas da Lei, ser de sua única e exclusiva autoria.

**Santiago de Compostela**  
Um Caminho de Sonhos  
Copyright © 2015, *Eleilson Santos Costa*  
Todos os direitos são reservados no Brasil.

**PoD Editora**

Rua Imperatriz Leopoldina, 8 sala 1110  
Centro – Rio de Janeiro - 20060-030  
Tel. 21 2236-0844 • [www.podeditora.com.br](http://www.podeditora.com.br)  
[atendimento@podeditora.com.br](mailto:atendimento@podeditora.com.br)

Capa & Diagramação:

**Pod Editora**

Impressão e Acabamento:

**PoD Editora**

Revisão:

**Carla Dawidman**

Fotos da capa:

**O autor**

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização do autor.

**CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação**  
**Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ**

---

C234s

Costa, Eleilson Santos  
Santiago de Compostela: um caminho de sonhos/ Eleilson Santos Costa. - 1ª ed. - Rio de Janeiro: PoD, 2015.  
298p. il.; 21cm  
inclui bibliografia e índice

ISBN 978-85-5589-004-8

1. Peregrinos e peregrinações - Espanha - Santiago de Compostela - Ficção brasileira. 2. Crescimento espiritual - Ficção brasileira. 3. Ficção brasileira. I. Título.

15-27651

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

26.10.15

27.10.15

---

# Agradecimentos

Agradeço muito a Deus por ter me dado a vida e o milagre de, a cada dia, acordar com saúde; à minha mãe, por ter me educado e criado com muita luta e determinação; à minha mulher e filho, pela compreensão, apoio e incentivo; aos amigos e familiares, que vibraram positivamente com suas boas energias quanto à realização desse sonho.

## *In memoriam*

Meu pai, Lupiciano;  
meu amigo, Paulão;  
querida vó Nina.



# Prefácio

Formado nos túbulos seminíferos caminha o espermatozoide  
E, quando ele é bom,  
antes mesmo da fertilização, já passa a conhecer o caminho do bem.  
Eleilson, meu irmão-amigo, meu amigo-irmão, Eleilson,  
você atingiu a concepção para traçar um único caminho, o da retidão.  
Logo nos primeiros dias de vida tombou em Ibicaraí, na Bahia.  
Como bom baiano pulou para Guadalupe, e que pulo, hem?  
Sacudiu a poeira e levantou.  
A vida, Lelê, é uma constante caminhada amiga.  
E você foi bem conduzido e aprendeu a conduzir bem, moleque.  
Aliás, "elas", as cinco, também lhe mostraram o caminho.  
Ensinaram-lhe como e para onde caminhar.  
O sentido e a direção também foram importantes, parceirinho, no alicerce do bem.  
O único desvio foi para os livros, em direção à Irineu Evangelista de Souza.  
Seguiu no sentido de Visconde de Mauá,  
porto seguro para uma vida adulta e exemplar.  
Cortou caminhos em direção à Furnas, sentido de Veiga de Almeida, e se formou um  
grande homem.  
Transpôs pedras em todos os caminhos acidentados,  
mas nunca quis ouro roubado e nem amores por fantasia.  
Um dia escolheu a mulher certa para sua companhia.  
Aproveitou sua infância, sua juventude e amou a paz e a virtude.  
Soube pontuar com exatidão as suas atitudes.  
Plantou árvores, gerou um lindo filho e agora nos presenteia com este maravilhoso livro,  
dando-nos lições da vida em seu belo caminhar.  
Hoje,  
jovem há mais tempo desbrava o Caminho de Santiago de Compostela,  
recreando nas sombras dos exemplos dos recreios da Mauá.

Não imaginava que este amigo, engenheiro, pesquisador e atleta, que teria tanta paciência e competência para a escrita, fosse também um sonhador, pois algumas coisas somente os sonhadores são capazes de alcançar e, é óbvio, que quem sonha sempre acredita que vai dar certo... e deu!

Tive a oportunidade de conhecer outras literaturas de renomados escritores com muitos detalhes, entretanto de interpreta-

ção compreensível e objetiva, fica fácil se envolver emocionalmente com o Caminho e, praticamente, viajar junto com o autor. Depois desta leitura não há como não despertar o peregrino que dorme dentro de nós.

O autor vivenciou o Caminho e relata que não é fácil explicar o que faz milhares de pessoas deixar o conforto do lar, todos os anos, a fim de se arriscar em uma viagem por todo o norte da Espanha, andando aproximadamente 30 dias de subidas e descidas, frio, vento, chuva ou calor, até alcançar a glória da chegada em Santiago de Compostela.

É muito importante para o leitor conhecer a história de Santiago, com suas lendas e curiosidades, assim como o sonho realizado pelo autor. E que planejamento hem, Eleilson!

O roteiro passo a passo nos dá um show de aprendizado e as dicas são valiosíssimas. Resumindo, na linguagem popular: “Valeu, Eleilson!”. Vou reler e indicar para outros amigos.

*Ailton Ferreira Gomes*

Amigo há mais de 50 anos, poeta e atleta



# Sumário

Agradecimentos .....	5
Prefácio .....	7
Capítulo I - A história .....	11
Capítulo II - O sonho.....	77
Capítulo III - O planejamento .....	83
Capítulo IV - O roteiro passo a passo.....	93
Capítulo V - O aprendizado .....	215
Capítulo VI - As dicas.....	235
Capítulo VII - Os motivos para realizar o caminho .....	287
Capítulo VIII - As fontes de pesquisa.....	297



# Capítulo I - A história

“Ter um filho, plantar uma árvore e escrever um livro é fácil.  
Difícil é criar o filho, regar a árvore e ter alguém que leia o livro...”

## O santo

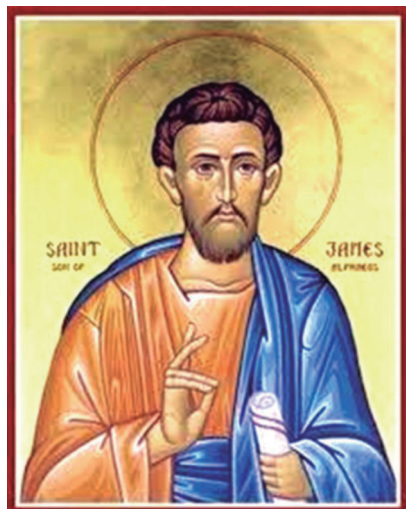
O santo que nomeia o Caminho de Santiago nasceu 12 anos antes de Cristo. Filho do pescador Zebedeo, e irmão mais velho de João, Tiago vivia com a família em Betsaida, próximo ao lago de Genesaré, onde Jesus os encontrou em uma de suas pregações na região. O nome Tiago deriva do latim, *Iacobus*, por sua vez uma latinização do nome hebraico, Jacob (aportuguesado para Jacó).

Com o decorrer do tempo, o nome evoluiu em diversas direções conforme as línguas: manteve-se Jakob em alemão e em outras línguas nórdicas; James em inglês e Jacques em francês. Na própria Espanha há diferenças substanciais: na faixa oriental tornou-se Jácome, Jaume ou Jaime, formas correntes no catalão.

Na faixa ocidental da Ibéria tornou-se simplesmente Iago ou Iago, por queda da terminação -bus, e assim passou ao português, galego, leonês e castelhano. Santo Iago, na pronúncia corrente, tornou-se Sant'Iago, originando-se a partir daí São Tiago, e o moderno antropônimo em português e castelhano. Além disso, em castelhano, por uma falsa etimologia, Santiago derivou também para San Diego, originando também o nome Diogo.

No evangelho de Mateus, conta-se que a mãe de ambos, Salomé, em seu orgulho materno, pediu a Jesus Cristo que seus dois filhos, Tiago e João, fossem colocados um à direita e outro à esquerda no Reino de Deus, porém Jesus lhe objetou: “Vós não sabeis o que pedis. Podeis beber o cálice que eu hei de be-

ber?”. Os apóstolos responderam: “Podemos”. “Pois bem, isso é verdade”, concluiu Jesus, “mas dar-vos o primeiro lugar no Reino, isso depende do meu Pai, que está no céu”.



O Santo

Caminhando ao longo do mar da Galileia, no ano 31, Jesus chamou os dois irmãos e admitiu-os no grupo dos apóstolos, nomeando-lhes de Boanerges, que significa “Filhos do trovão”, pela energia inesgotável de ambos, bem expressada no episódio em que Cristo chegou com os seus seguidores na terra dos samaritanos e estes lhe interditaram a entrada.

Ao perceber a afronta, Tiago e João perguntaram ao Senhor se mandaria cair fogo do céu para consumir a cidade, ao que Jesus respondeu: “Vós não sabeis de que espírito sois! O filho do homem não veio para perder, mas para salvar as almas”.

Tiago foi chamado de “o Maior” (*Santiago, el Mayor*) para diferenciar-se de outro apóstolo homônimo, conhecido como Tiago, “o Menor”, por ser mais novo. Gozava de especial confiança e a relação com Jesus era como um discípulo básico destacando-se com Pedro e João do resto do grupo, testemunhando os momentos importantes da vida de Jesus, como o da ressurreição da filha de Jairo e o da transfiguração.

Morto o Cristo, encontramos São Tiago envolvido em algumas das experiências de reencontro com o Senhor ressuscitado. É de supor a sua presença nos encontros pascais de Jesus com os apóstolos. Aqui se dá a verdadeira mudança na com-

preensão definitiva do projeto de Jesus Cristo. A partir daqui, São Tiago forma parte do grupo básico da Igreja Primitiva de Jerusalém.

Conta a tradição, que pouco tempo depois da morte de Cristo, no ano 33, o apóstolo foi enviado à região onde se localizavam os reinos que formam a atual Espanha, para pregar a doutrina cristã, sendo provavelmente o único apóstolo que pregou no ocidente. Tiago realizou um trabalho intenso na região, mas a palavra de Cristo não era aceita com facilidade, pelas histórias e tradições arraigadas da população.

Reza a lenda que após a dispersão dos apóstolos pelo mundo, São Tiago foi pregar em regiões longínquas, passando algum tempo na Galícia, Espanha. Quando voltou à Palestina, no ano 44, foi preso –e como era um dos pregadores mais influentes do Cristianismo–, foi aprisionado a mando de Herodes Agrippa I, rei dos hebreus [filho de Aristobulus e neto de Herodes, o Grande], para ser decapitado, tornando-se o primeiro apóstolo a verter sangue por Cristo. Enquanto era conduzido em direção à sua execução, Santiago realizou dois milagres: a conversão e o batismo de seu carcereiro, um fariseu chamado Josias, e a cura de um paraplégico.

## **A união pela fé**

Naquela ocasião, os cristãos da Península Ibérica travavam uma longa luta contra os invasores mouros, que se estendeu de 711 a 1492. Desunidos e divididos em reinos rivais, encontravam dificuldades para enfrentar o inimigo, e se tornavam presa fácil para os conquistadores, que iam vencendo, com certa facilidade, os desarticulados reinos da região, aumentando paulatinamente seu domínio.

A descoberta do corpo do apóstolo na área do conflito foi altamente benéfica para o povo cristão da região, gerando uma grande curiosidade popular e aumentando o fluxo de fiéis à pe-

nínsula, iniciando um ciclo de peregrinação com o consequente fortalecimento do Cristianismo na região. Dotou as hostes cristãs de uma figura emblemática, motivo suficiente para unificá-las, tornando-as mais consistentes, mais fortes e, portanto, menos vulneráveis aos mouros.

### **O fortalecimento do Cristianismo**

A primeira grande manifestação e de maior importância da descoberta e anúncio do corpo do apóstolo, já chamado de santo pela população, ocorreu durante o desenrolar da famosa batalha de Clavijo, ocorrida nas cercanias de Logroño, em 844.

Nessa batalha, Ramiro I [rei da católica Astúrias], com um exército menor e menos preparado, enfrentava as numerosas e treinadas tropas de Abderraman II [nascido em 792 e morto em 852], quarto Emir de Córdoba [foi Emir de Córdoba no período de 756 a 788], na região conhecida até então como Espanha muçulmana.

Os cristãos estavam em clara desvantagem quando, segundo a tradição, o apóstolo apareceu montado em um cavalo branco e conduziu o exército cristão a uma vitória esmagadora sobre os mouros.

A partir desse feito, passou também a ser conhecido como “Santiago Matamouros”. O mito se fortalecia e adquiria fama crescente. O movimento de peregrinação e de culto aos restos do apóstolo estendeu-se por todo o ocidente.

Com o aumento da peregrinação ao túmulo do santo, o rei das Astúrias, Afonso III, promoveu, no ano de 899, a ampliação e melhoria da capela erguida originariamente para abrigar os restos do apóstolo, visando atender a procura crescente dos peregrinos. Uma prova da força que já adquiria o santo e de que não se restringia somente à região, alcançando periodicidade variável de cinco, seis e 11 anos.

A festa de Santiago, em 25 de julho, sempre que cai em um domingo é o jubileu mais frequente da Igreja Católica. Excepcionalmente, foram considerados dois anos santos fora da tradição: em 1884, em louvor pela redescoberta do corpo do apóstolo; e em 1937, em plena Guerra Civil espanhola (1936-1939).

Outro atrativo do Ano Santo Compostelano é a abertura da *Puerta Santa*, na parte de trás da catedral, na Plaza de la Quintana. O mais importante é que, em anos santos, os peregrinos podiam receber a “Bula Jubilar” ou “Jubileu”, um privilégio datado do século XII, inscrito na Bula *Regis Aeterni*. Em essência, a graça do Jubileu consiste na indulgência plena dos pecados.

## **Do século XI ao XV**

Durante o século XI, o afluxo de peregrinos se intensifica e começa o trabalho de organização dos reis para facilitar o trânsito. São construídas pontes e hospitais nos enclaves necessários. A rota principal começa a estabelecer as respectivas estações (Caminho francês).

Entre os séculos XI e XV, o trânsito intenso de peregrinos transformou Compostela no mais importante centro político e econômico do noroeste da Espanha. Em 1139, o Caminho foi brindado com o livro *Codex Calixtinus* [escrito pelo clérigo francês Aymeric Picaud], parte integrante da obra *Liber Sancti Jacobi*, e que ficou conhecido como o primeiro guia do Caminho, iniciando o processo de condução orientada dos peregrinos em sua peregrinação.

Em 1188, a Catedral de Santiago de Compostela ganhou um incremento de real formosura com a construção do seu famoso “Pórtico da Glória”, obra inspiradíssima do maestro Mateo [escultor e arquiteto espanhol nascido em 1150 e falecido entre 1200 e 1217], que hoje é o principal acesso à catedral.

Contudo, as pestes (século XIV) e as guerras religiosas europeias tornaram a caminhada muito perigosa e diminuíram a procura pelo Caminho.

No século XVI, a rota francesa como via de peregrinação e comércio foi fechada em virtude da guerra entre os reinos de Castela e de França, e o Caminho entrou em declínio.

### **Do século XVI ao XIX**

Em 1588, com a cidade sitiada pelo corsário inglês, Francis Drake, e sob o risco de invasão iminente, o arcebispo San Clemente retirou e escondeu a arca da catedral com os restos mortais de Santiago para evitar que fosse profanada pelo invasor.

A arca permaneceu em lugar ignorado por mais de 300 anos, sendo reencontrada pelo cardeal Palay, em 1878, quando o culto a Santiago foi retomado com a redescoberta das relíquias e com a pacificação da região.

Já o início do século XIX foi terrível para a Espanha, que sofreu com a invasão francesa e teve sua capital tomada em 1833. O Caminho, no entanto, retomava o seu vigor com a redescoberta dos restos de Santiago, e com uma política de reconstruções e reurbanizações do território espanhol.

O século XX apresentou novos períodos sombrios para o país, que sofreu com duas guerras mundiais e, de permeio, com a sangrenta Guerra Civil (1936-1939) em solo espanhol. O Caminho se ressentiu, mas não se abateu diante desse horizonte caótico.

### **Do século XX em diante**

O Caminho tomou novo fôlego a partir do século XX. A multissecular peregrinação à Compostela, pelo Caminho de Santiago, gerou –desde o princípio–, uma prosperidade espiritual, cultural e econômica.



Fomentou a literatura, a música, a arte e a história e, em consequência, apareceram cidades e vilas, além de inúmeras igrejas, catedrais e hospitais, com o objetivo de apoiar e confortar os peregrinos.

O Caminho sempre funcionou como catalisador de culturas, transmissor de ideias e promotor do encontro de povos e línguas, o que se acentuou fortemente no século XX. Sedenta de paz e de harmonia, a segunda metade do século XX assinalou o apogeu da abençoada rota de Compostela, sobretudo a partir do início da década de 70, com os movimentos pacifistas que tomaram conta do mundo –capitaneados pelos jovens–, a peregrinação ao encontro de Santiago intensificou-se, pois representava o ideário daqueles que buscavam a paz interior.

No mundo inteiro, pessoas procuram apoio existencial na religião em seu sentido mais puro, do latim *religione*. O objetivo geral dessa busca parecia ser reunir o homem à sua essência espiritual, aos seus sentimentos mais profundos e a Deus.

### **Dia da celebração**

Santiago é aceito como santo por todas as confissões cristãs. É festejado em 25 de julho nas igrejas católicas e luteranas. Os ortodoxos comemoram-no em 30 de abril, os coptas em 12 de abril, e os etíopes, em 28 de dezembro.

### **O Caminho**

O Caminho de Santiago começou a ser criado com a morte do santo, e a ser trilhado pelos primeiros peregrinos cerca de 800 anos depois da sua morte.

A história do Caminho é fascinante e, na verdade, teve início quando Teodoro e Atanásio, seus discípulos, recuperaram o corpo de Tiago na Palestina.

Seguindo a tradição da época, de enterrar o apóstolo no local de pregação, trasladaram o corpo para o local onde ele havia pregado, numa viagem de sete dias em uma barca, sem leme nem velas, guiados por um anjo até a costa da Galícia, tendo atracado em uma praia. Os homens saltaram para terra e amarraram a barca a uma pedra [que hoje dá nome a Padrón]. Retiram o corpo sem vida envolto em lençol: era o apóstolo São Tiago!

À procura de um bom lugar para a nobre sepultura do discípulo de Cristo, dois dos homens viram ao longe um magnífico castelo. Tomaram o caminho dele e, ao chegarem, pediram para falar com o senhor da propriedade. Os discípulos de São Tiago foram conduzidos à presença da rainha Lupa –céltica senhora das terras do fim do mundo (Finisterra)–, que de início interessou-se pela história dos cristãos, porém mais tarde mandou-os prender por sua soberba. Durante a noite em que estavam no cárcere, pediram ajuda a Deus e um nevoeiro luminoso e estrelado abriu, milagrosamente, as portas da prisão e os presos puderam escapar.

Descoberta a fuga, puseram-se à procura dos fugitivos, mas quando os soldados da rainha passavam por uma ponte, esta se desfez e assim todos os perseguidores morreram.

Os cristãos voltaram então ao castelo e advertiram a rainha do poder do Deus. “Será melhor que nos ajude. Precisamos de um transporte ou de uma parelha de bois mansos”. A surpresa foi geral ao observarem como os touros se deixavam conduzir mansamente. Conta-se que desde então, a rainha Lupa se converteu ao Cristianismo e mandou derrubar os altares célticos do culto do deus Solis. O corpo foi depositado, secretamente, no bosque de Libradón.

Tudo terminaria ali se não fosse pela indicação divina, que certamente tinha outros planos para o apóstolo Tiago. Com a

sua morte começava uma das sagas mais interessantes do catolicismo, em face das agruras que enfrentou sem jamais negar a sua fé e abstrair-se dos seus ideais, mas, principalmente, pelo imenso movimento cristão que ensejou após a sua morte.

A peregrinação a Santiago de Compostela reúne, a cada ano, milhares de pessoas, de todos os tipos e religiões em um movimento admirável, com profundo apelo religioso, intensa ressonância cultural e que ainda apresenta reflexos profundos e positivos na economia da região.

O escritor Miguel de Cervantes y Saavedra registrou no seu livro, *Don Quixote de la Mancha*, que Santiago Mata-Mouros “(...) é um dos mais valorosos santos e cavaleiros que o mundo já teve; foi dado à Espanha por Deus, como seu patrono e para sua proteção”.

Não há certezas quanto à data da descoberta do sepulcro apostólico, mas a maioria católica aponta entre 813 e 820. A lenda conta que um eremita do bosque de Libradón, de nome Pelayo, observou durante algumas noites seguidas uma “chuva de estrelas” sobre um monte do bosque. Avisado das luzes, o bispo de Iria Flávia, Teodomiro, ordenou escavações e encontrou uma arca de mármore com os ossos do santo e dos seus discípulos.

A descoberta chamou a atenção de religiosos e autoridades da região. No ano de 814, o rei das Astúrias, Afonso II, “o Casto” [viveu de 759 a 842, e reinou nas Astúrias, de 791 a 842], mandou erguer uma capela em homenagem ao apóstolo, conhecida como Compostela, palavra formada pela expressão latina, *campus estellar* (campo de estrelas).

A notícia chegou ao papa Leão III (795-816), que fez conhecer ao mundo cristão no escrito *Noscat Fraternitas Vestra*: “O corpo do bem-aventurado apóstolo Santiago foi trasladado inteiro ao território da Galícia”.

No *campus estellar* foi erigida uma capela para proteger a tumba do apóstolo que se tornou um símbolo da resistência cristã aos ataques dos mouros. A partir do ano 1000, as peregrinações a Santiago popularizam-se, tornando-se um dos principais centros de peregrinação cristã (a par de Roma e Jerusalém).

O Caminho de Santiago, tal como relatado no códice calistino é, em terra, o desenho da Via Láctea porque esta rota se situa diretamente sob a Via Láctea que indica a direção de Santiago, servindo assim, na Idade Média, de orientação durante a noite aos peregrinos. Esta associação deu ao Caminho o nome de Caminho das Estrelas, e fez com que a chuva de estrelas fosse um dos símbolos do “culto jacobeu”, juntamente com a vieira, a cabaça e o bordão.

Há uma multiplicidade de rotas, mas cada peregrino sempre fará seu próprio e único Caminho de Santiago. De qualquer ponto que se parta em direção à Compostela, traça-se um Caminho. A maior parte dos pontos de partida converge para Puente la Reina. Deste ponto em diante, a estrada para Santiago é uma só.

O Caminho francês é o mais famoso e transitado dentre todos os trajetos que formam o Caminho de Santiago, por ser teoricamente mais fácil e com maior infraestrutura voltada para o peregrino; consequentemente é o mais escolhido. É a partir de Saint Jean Pied-de-Port (SJPP), um belíssimo vilarejo francês, que fica perto da fronteira com a Espanha, que começa a grande aventura.

O primeiro vilarejo na Espanha é Roncesvalles, no sopé dos Pireneus no lado Basco espanhol. De lá são 790 km até Santiago de Compostela. Ao chegar neste pequeno vilarejo já é possível sentir as vibrações emitidas pelo Caminho de Santiago.

Ao seguir as setas pintadas na cor amarela, que marcam a estrada, o peregrino ditará o seu ritmo de acordo com a sua capacidade emocional e física. Essa sinalização começou nos anos

80, graças ao esforço do pároco de *O Cebreiro*, Elías Valiña, e da *Asociación de Amigos del Camino de Navarra*. A esse primeiro símbolo sobrepõem-se, agora, os marcos quilométricos e os sinais de informação das distintas regiões.

Os caminhos espalham-se por toda a Europa e todos entroncam nos Caminhos franceses, que posteriormente se ligam aos espanhóis, com exceção das várias vias do Caminho português, que se origina a sul, e do Caminho inglês, que vem do norte.

Santiago de Compostela é considerada a terceira cidade mais sagrada no cristianismo depois de Jerusalém e Roma, e vem sendo seguida por milhões de pessoas das mais variadas procedências. Existem outros percursos não menos importantes vindos de Portugal, do sul da Espanha, que atravessava a cidade portuguesa de Chaves, e do oeste e norte da Europa por via marítima.

O Caminho de Santiago atingiu o máximo esplendor nos séculos XI e XII, e após a contrarreforma, no início do século XVII por Portugal. Nas últimas décadas voltou a ser protagonista, sendo convertido num itinerário espiritual e cultural de primeira ordem. Assim, em 1993, o Caminho de Santiago de Compostela foi denominado como Patrimônio da Humanidade pela Unesco e, em 2004, o Conselho da Europa reafirmou seu valor ao proclamá-lo como “Grande Itinerário Cultural da Europa”.

A mistura do desafio desportivo com a religiosidade, tudo acompanhado pelos estilos românico e gótico, de monges beneditinos e cavaleiros templários, entre a faia e o trigo, entre castanheiros e carvalhos, entre lendas e milagres, faz do Caminho de Santiago uma experiência única.

Em grande parte, o Caminho de Santiago possui um aspecto medieval. As catedrais góticas e românicas, mosteiros e capelas, castelos e aldeias celtas distribuem-se ao longo do percurso, sendo uma jornada espiritual que os peregrinos de todos

os credos e origens têm atravessado por mais de 1.000 anos. E a peregrinação começa, originalmente, em sua porta.

O importante é a chegada à Catedral de Santiago para assistir à missa do peregrino realizada ao meio-dia, diariamente. Alguns levam mais tempo, outros menos. Alguns optam por viajar de bicicleta, e alguns têm feito o Caminho a cavalo. Ao longo do Caminho, viajantes encontram albergues, refúgios e casas rurais que atendem especificamente aos milhares de peregrinos de todas as idades que realizam esta viagem anualmente.

Peregrinos realizam o Caminho a pé por várias razões. Alguns buscam penitência, outros iluminação, e outros pela aventura, mas com todo o progresso em direção à Catedral de Santiago, onde se acredita que os restos mortais do apóstolo São Tiago estão depositados.

A maioria dos peregrinos opta por levar uma concha como simbolismo para a sua jornada em honra a St. James. Segundo a lenda, conchas cobriam o seu corpo quando foi encontrado às margens da costa galega. Os caminhantes são portadores de um documento conhecido como “credencial”, comprada por alguns euros em uma agência de turismo espanhol, uma igreja na rota ou associações do Caminho em vários países.

A credencial é como um passe que dá acesso a dormida barata em refúgios ao longo da trilha. Também conhecido como “passaporte do peregrino”, a mesma é carimbada com o selo oficial St. James em cada cidade ou refúgio que o peregrino tenha permanecido. A credencial carimbada é necessária se o peregrino quer obter um “Compostela”, que é um “Certificado de conclusão da peregrinação”.

Por sua natureza, o Caminho serve como metáfora sobre a vida. Independentemente se a viagem de um peregrino começa por razões religiosas, espirituais ou culturais, a sua natureza meditativa oferece o cenário perfeito para dedicar-se à contemplação.

No passado, a peregrinação podia ser feita por um vassalo, em benefício de seu senhor. Além disso, o caminhante estava mais vulnerável às intempéries e às doenças, sem contar os ataques de salteadores. Hoje, existe uma grande infraestrutura de serviços, cujas portas se abrem mediante a apresentação de um singelo cartão de crédito. Equipamentos *hightech* atenuam as dores do caminhante e há bastante segurança.

Ainda que a Igreja Católica tenha perdido boa parte de sua autoridade política, e que o Cristianismo tenha se diversificado sob pregações variadas, não é possível negar uma fé que move multidões. Santiago continua inspirando, mas nem todos percebem que o “milagre” não se opera na catedral, e sim no Caminho que leva até ela.

É o tempo que o peregrino reserva a ele mesmo, a solidariedade aos outros, a simplicidade do dia a dia nos albergues, a abertura para novas experiências, tudo isso contribui para transformar seu interior em espelho do altar que encontrará na grande catedral. Isso é o Caminho de Santiago: interior e exterior; ontem e hoje. Acima de qualquer coisa, é nos passos do peregrino que o Caminho vive.

Anualmente, no dia 25 de julho, comemora-se o martírio de Santiago. As outras datas vinculadas ao apóstolo são os dias 23 de maio (aparição) e 30 de dezembro (traslado). Sempre que o dia 25 de julho cai num domingo, tem-se o chamado “Ano Santo Compostelano”, no qual é aberta a “Porta Santa” da Catedral de Santiago, permanecendo assim ao longo de todo o ano.

## **As lendas**

Os peregrinos que decidem realizar o Caminho de Santiago em terras espanholas podem escolher duas rotas a partir dos Pireneus, ou seja, a rota desde Somport [na fronteira da França

com a província de Huesca] ou a rota desde Roncesvalles. São dois caminhos quase paralelos que desembocam em Puente de la Reina. A partir daí, o caminho será único.

Muitos peregrinos já passaram em solo francês por diversas rotas que convergem em Saint Jean Pied-de-Port (SJPP), última cidade no território francês antes da fronteira espanhola. É a partir dos Pireneus que os caminhantes começam a encontrar-se em albergues (antigos hospitais), mosteiros e casas particulares que oferecem pousada. Nestes momentos, os peregrinos aproveitam a troca de experiências, relato de histórias, orações e lendas, estas últimas apoiadas quase sempre em milagres realizados por “Mr. Santiago”, a Virgem e outros santos queridos e venerados desde a Idade Média.

As lendas sobre o Caminho de Santiago se tornaram muito populares entre os peregrinos, sendo divulgadas, geralmente, em reuniões após o jantar, ao lado da lareira, nos dias frios ou sob as estrelas. Muitas lendas estão contidas em manuscritos nos mosteiros no *Codex Calixtinus*, de autoria de Aymeric Piccaud, entre outros documentos. Existem diferentes versões para cada cidade.

Existem vários tipos de lendas, umas alegres e outras tristes, sendo que algumas vezes estão no limiar entre a realidade e a ficção, pois com algumas centenas de anos, as histórias sofreram modificações que dependem do relato de cada um. As lendas mais famosas, e que continuam a ser difundidas entre os peregrinos do século XXI, são as seguintes:

### **O mistério de Obanos**

Em Ibañeta existe uma cruz de pedra em homenagem a Roldán (Roland), cavaleiro francês e comandante da retaguarda do exército do Imperador Carlos Magno. O local onde se situa



o referido marco, o Vale de Valcarlos, deve o seu nome ao Valle de Carlos. Foi naquele local que a retaguarda do seu exército foi atacada e teve de enfrentar os Sarracenos.

No entanto, reza a história que tenham sido os hispânicos de Navarra (basco) e de Zaragoza que aniquilaram a retaguarda do exército de Carlos Magno. Ao ser atacado de surpresa, Roldán lutou demoradamente com seus pares e guerreiros. Durante a luta, viu o seu amigo Olivier tombar morto ao seu lado. Ferido de morte fez soar sua corneta de marfim solicitando ajuda, pois o grosso das tropas estava mais à frente sob o comando do Imperador Carlos Magno. Ao perceber a morte iminente, Roldán prefere partir a espada a entregá-la ao inimigo.

De posse da sua espada, o inimigo desfere um potente golpe contra uma rocha fendendo-a, mas sem quebrar a famosa espada confeccionada do mais puro aço de Durandal. Quando o imperador retrocede com a finalidade de atender ao chamado de Roldán e de seus 12 pares, todos já estavam mortos e o exército da retaguarda completamente dizimado.

A história relata que mais de 40 mil homens, entre cristãos e sarracenos, morreram na batalha. Ao ver tal situação, o imperador finca os seus joelhos sobre o solo, e com o rosto voltado para Compostela, ora humildemente.

### **Fuente de la Reniega**

Antes de chegar-se ao Alto do Perdão, à esquerda do Caminho, em uma nova fonte construída, recorda-se à antiga Fuente de la Reniega, cuja lenda é tradicionalmente transmitida de geração em geração. Diz a lenda que um peregrino havia partido de Toulouse, na França, e se esforçava para chegar ao topo do Monte Reniega. O sol causticante do mês de agosto caía implacável sobre o seu corpo. A sede que tinha era quase insuportável, com momentos de inconsciência. Ao levantar-se, lamentava a sua imprudência em não levar água consigo.

Num desses momentos, acercou-se dele um jovem muito bem-apegoado, que lhe perguntou: “Irmão, pelo seu rosto e pelo seu corpo cansado acredito que queres beber água”. O peregrino respondeu: “Sim, por favor, dai-me água de beber, pois a sede é insuportável”. “Terá água e comida durante toda a sua vida se negares a existência de Deus. Nunca voltarás a passar sede e fome – disse o jovem”. “Negar a Deus? Isso jamais! Saia do meu caminho!” – disse indignado o peregrino. “Está bem. É só negar a existência da Virgem Maria e concederei água e comida”.

Realizando um grande esforço, pois a sede impedia-o de falar com clareza, o peregrino contestou: “Afasta-te demônio do meu caminho”. Pela terceira vez, o jovem que certamente era o demônio, insistiu: “Nega o apóstolo Santiago e eu concederei o teu desejo”. Desesperado, o peregrino já não o contestava, orando em voz alta e suplicando a São Tiago que intercedesse por ele.

Enquanto recitava sua oração, o peregrino viu como que uma nuvem sulfurosa a envolver o demônio que desapareceu. Logo atrás, surgiu uma fonte de água fresquíssima e transparente e, ao seu lado, o próprio apóstolo Tiago, em forma de peregrino, que lhe mostrava a fonte e lhe dava de beber em sua vieira.

Desde então, a fonte jorrou água cristalina e fresca para consolo de todos os peregrinos que, com os seus passos muitas vezes trôpegos, conseguiram atingir aquele local no Alto do Perdão.

Sem nada conseguir daquele peregrino, o diabo teve de buscar outros lugares. A lenda ainda complementa: “Todo aquele que daquela fonte beber, terá a virtude de conservar os ânimos e saberá vencer a tentação de abandonar a missão que se propôs ao empreender a sua peregrinação ao túmulo do apóstolo Tiago”.

## A história de Santa Felícia

Uma antiga lenda jacobea nos revela uma curiosa história relacionada com Santa Felícia e seu irmão Guillermo. Felícia era uma bela jovem, filha da poderosa casa provençal dos duques de Aquitania, figura entre os devotos da nobreza europeia medieval que fizeram a peregrinação a Santiago.

Reza a lenda que um belo dia, a jovem com somente 17 anos, decidiu peregrinar a Santiago de Compostela. Seu pai e irmão tentaram demovê-la de seu intento, preocupados com os perigos que a jovem correria com tão pouca idade. No entanto, nenhum argumento a fazia desistir e, numa certa manhã, se pôs a caminho acompanhada por um séquito.

Durante a viagem tomou contato com milhares de peregrinos famintos, doentes e muitos com os corpos deformados à procura da redenção de seus pecados. Dormiu em albergues caros, no entanto visitou locais hospedados por indigentes, enfrentou a morte e ajudou a curar feridos nos hospitais.

Seu coração ia se transformando à medida que avançava em direção à tumba do apóstolo Tiago. Quando chegou a Compostela, sua decisão já havia sido tomada. Enviou uma carta a seus pais por um peregrino que retornava a Aquitania. “*Amados padres y hermano mio. Mi vida está en la oración y en el trabajo. No regresaré ao lujo de la corte. Los quiero, Felícia*”.

Na volta de sua viagem, já como peregrina, Felícia se desfez de todas as suas possessões mundanas e passou a viver como eremita no Pueblo de Amocain, dedicando-se a serviço dos peregrinos jacobeus que passavam por aquela região.

Ao saber da decisão da irmã, Guillermo, o duque de Aquitania, a mando de seu pai, saiu em busca de Felícia e, ao encontrá-la, pobre e humilde naquele rincão afastado, morando em uma pequena ermida que ela própria construía para cuidar dos pobres e louvar a Deus, suplicou, entre lágrimas, que voltasse à

sua vida antiga. Ao negar-se a cumprir o mandado de seu pai, Guillermo, cheio de raiva e arrebatado por loucura, matou Felícia a punhaladas no interior da ermida.

Voltando a si, o duque arrependeu-se a ponto de ir a Roma pedir perdão ao papa que, como penitência, obrigou-o a efetuar a peregrinação à Compostela. Por sua vez, depois de efetuar a peregrinação à tumba do apóstolo, no seu regresso, tocado pelo arrependimento e pela fé, permaneceu em Obanos morando na ermida que sua irmã havia construído, e continuando as obras pias que ela havia começado. Chorou seu grande pecado até a sua morte.

Atualmente, um humilde sulco à beira do caminho, sobre a ermida de Santa Maria de Arnoteguí, recorda este feito bem como a presença dos restos da antiga ermida de Santa Maria.

Hoje, o corpo de Santa Felícia encontra-se na Aldeia de Labiano, ao norte de Pamplona, e o de seu irmão está na Capela de Arnoteguí, onde passou a vida em penitência.

Em Obanos, anualmente, se representa a peça *El Misterio de Obanos*, uma dramatização da lenda dos santos, Felícia e Guillermo, escrita pelo canônico, Don Santos Beguiristáin, oriundo de Obanos. Na sacristia da igreja de San Juan Bautista, também em Obanos, conserva-se como relíquia o crânio de San Guillermo moldada em prata.

Pela tradição, na quinta-feira da Páscoa, todos os anos, distribuem-se no *pueblo*, vinho com água passado pela venerável relíquia. O crânio de San Guillermo possui grandes orifícios na parte alta e na sua parte inferior. Depositado em um altar improvisado, derrama-se vinho pelo furo superior, que é recolhido quando sai pela base, sendo distribuído a todos os presentes. Diz-se que esse vinho consagrado possui propriedades curativas para muitas das enfermidades.

## **Castelo de Clavijo: Santiago Matamouros**

Aproximadamente a 17 km de Logroño, sobre um morro rochoso, em uma posição bastante privilegiada, pois domina toda a região que o circunda, está situada uma das ruínas mais estranhas e emblemáticas do Caminho: o Castelo de Clavijo.

O nome está associado ao início da reconquista da península Ibérica em poder dos mouros. Naquele local, teve lugar a célebre batalha entre as tropas do rei Ramiro I, de Astúrias, e as hostes de Abderramán II [em 23 de maio de 844 segundo uns e 859, segundo outros].

A lenda [para muitos, um milagre] é citada pelo arcebispo Rodrigo sobre a primeira vez que o apóstolo Santiago apareceu ao rei montado em um cavalo branco. O santo elevou o ânimo das tropas cristãs durante as sangrentas batalhas, e ajudou o rei a vencer com o grito: “*Santiago, cierra España*”. Com isso, livrou-o do vergonhoso “Tributo das 100 Donzelas”, tributo este que obrigava os cristãos a entregar, ao emir de Córdoba, 100 donzelas que viveriam nos haréns do Islã Andaluz em virtude de um pacto assinado de não agressão ao monarca Mauregato [um dos três reis: Aurélio, Silo e Mauregato, os reis holgazares, que significa: “folgados, ociosos”]. Assim nasceu a figura lendária de “Santiago Matamouros”.

Dois dias depois da batalha em Calahorra, em agradecimento pela vitória alcançada, Ramiro I concedeu voto a Santiago, pelo qual obrigava os camponeses do norte da península Ibérica a pagar um dízimo em forma de cereais à Catedral de Santiago de Compostela. A referida data –23 de maio–, tornou-se um dos dias mais importantes e comemorados em toda a Espanha, bem como o dia 25 de julho dedicado a Santiago.

Em Clavijo, todo o dia 23 de maio [aniversário da batalha] realiza-se uma pitoresca e folclórica romaria presidida pela imagem de São Tiago e da Virgem de Tem Tu Dia. No domingo

seguinte a festa, celebra-se a missa ao lado do castelo, acompanhada por uma representação alegórica da lenda das 100 donzelas, com dançarinas vindas da aldeia vizinha de Albelda.

### **O monastério de Santa Maria la Real**

A origem do monastério de Santa Maria la Real é contada através de uma terna e bela história. O rei Don Garcia de Nájera [filho de Sancho, “o Maior”], muito amado no povoado e em toda a comarca, andava preocupado porque os mouros tinham entrado novamente em Calahorra. Passou muitas noites meditando sobre a forma de acabar com aquela marca, que a cada certo tempo arrasava o que encontrava pela frente, matando o seu povo e enchendo de tristeza os que ficavam.

Numa manhã, saiu de casa para caçar com o seu falcão, companheiro de aventuras, quando, de pronto, saiu voando precipitadamente atrás de uma branquíssima pomba que por sua vez perseguia uma perdiz. Os três perderam-se dentro do que parecia uma gruta. Don Garcia largou instintivamente a arma que carregava sobre o solo e adentrou a gruta. Arrastou-se através de um longo corredor escuro que terminava em uma espécie de caverna parcamente iluminada. Qual não foi a sua surpresa quando viu, no mesmo lugar, os três animais pousados pacificamente ao lado de uma lamparina acesa, um jarro com lírios brancos frescos, um sino e a imagem da Virgem com uma criança.

A princípio o rei não sabia como interpretar o achado, mas depois de muito meditar, deduziu que aquele era o preságio de uma vitória contra o inimigo muçulmano. Dias mais tarde, uma grande batalha teve lugar e as forças cristãs derrotaram o inimigo. Devido a este fato, o rei Don Garcia mandou construir um monastério e uma igreja em honra a Santa Maria la Real por uma comunidade religiosa sob a observância de

San Isidoro, sobre a mesma gruta donde havia encontrado a imagem.

No ano de 1044, instituiu em honra à jarra sagrada, uma ordem cavalleiresca que chamou de Ordem de la Terraza, e que foi a primeira dessas instituições fundada na Europa. O belíssimo monastério foi consagrado no ano de 1056. Posteriormente ao monastério, agregou-se um hospital para os peregrinos.

Não satisfeito, trouxe as relíquias de São Vicente Mártir e as do bispo de Tyarazona e São Prudêncio, que estavam depositados no mosteiro do Monte Laturce, conseguindo que o papa enviasse dois mártires, Vital e Agrícola, bem como um pedaço do corpo de Santa Eugênia.

Todos os elementos da lenda: a estátua da Virgem, a lâmpada e o jarro podem ser contempladas no interior da caverna, que existe no monastério.

### **A história dos galos em Santo Domingo de la Calzada**

Ao passar pela cidade de Santo Domingo de la Calzada, o peregrino não pode deixar de visitar a sua catedral, pois no interior encontraremos um galinheiro, que lembra uma das mais belas lendas existentes no Caminho de Santiago.

No século XIV, um jovem chamado Hugonell fazia a sua peregrinação a Santiago de Compostela acompanhado pelos pais. Num dos albergues em que pernoitou, o jovem mostrou-se indiferente às investidas de uma criada. Ela, por vingança, escondeu uma taça de prata na bagagem do rapaz. Na manhã seguinte, a mulher chamou os guardas e o acusou de furto. O rapaz foi julgado e condenado e, em seguida, enforcado. No entanto, quando os seus pais foram até o patíbulo para recolher o corpo, ouviram a voz de um anjo anunciando que Santo Domingo havia conservado a sua vida.

Os pais do jovem imediatamente procuraram o juiz da cidade e pediram que o rapaz fosse liberado, pois estava vivo e com boa saúde. O juiz estava à mesa e com certa razão não acreditou na história do casal. A sua incredulidade lhe fez exclamar: “Solto vosso filho quando este galo e esta galinha cantarem novamente” – disse o juiz apontando os assados que tinha sobre a mesa. No mesmo instante o galo e a galinha cobriram-se de penas e puseram-se a cacarejar e a cantar. O juiz soltou Hugonell.

Desde aquele dia, na igreja de Santo Domingo de la Calzada, um galo e uma galinha de penas brancas são mantidos vivos junto ao altar, num alambrado no estilo gótico tardio, coberto com uma tela renascentista que recebe o nome de *Gallinero*. Eles são substituídos a cada 20 dias e somente ocupam o galinheiro no período de 25 de abril a 13 de outubro.

Se você ouvir o galo cantar ao entrar na igreja, é um sinal de que a sua peregrinação será bem-sucedida. Daí o ditado popular: “*Santo Domingo de la Calzada, donde cantó la gallina después de asada*”.

Em outra versão: depois que o rapaz foi enforcado, os pais continuaram a peregrinação à Santiago, apesar da grande dor pela sua morte. Ao retornarem ao seu país, passaram por Santo Domingo de la Calzada e foram ao local da forca para ver o filho e pedir a Deus por sua alma. Chegando lá encontraram o rapaz vivo. Questionado, informou aos pais que havia um jovem varão segurando seus pés, para que nada de mal lhe atingisse.

O milagre relatado se repete em várias cidades ao longo do Caminho de Santiago: em Toulouse, com a denominação de *le pendu dépendu* [milagre atribuído a San Amado ou a Santiago]; em Barcelos, no Caminho português, conhecido como “o senhor galo”; em Utrecht, *Liber miraculorum* (livro segundo o *Liber Sancti Iacobi*). Relata também Berceo nos Milagres de Nuestra Señora; Alfonso X, El Sabio; nas Cántigas de Santa María e Jacobus de Voragine na “Legenda áurea”.



Com todo esse conhecimento, não podemos atribuir a Santo Domingo de la Calzada o milagre, sendo muito discutido e emblemático.

### **Monastério de Sandoval: Os pés**

Desde o início das peregrinações, o maior problema de um caminhante são os pés, tendo muitas vezes que interromper a sua peregrinação. Nem mesmo o excessivo sol de Castilla e León, e o frio extremo dos Pireneus, ou ainda os 700 km que obrigam os peregrinos a dobrar as costas antes de chegar a Santiago transportando uma mochila pesada, podem prejudicar mais que um par de bolhas. Sendo essa a realidade da rota jacobea, hospitais, farmácias e albergues de peregrinos cuidam zelosamente dos pés.

A medicina, uma das ciências que alcançou um grande desenvolvimento ao largo do Caminho, dispunha de segredos que pareciam infalíveis para acabar com esse mal. Cada hospital dispunha de um unguento especial, como o “bálsamo de Niort”, preparado à base da casca do salgueiro e colodión, que era especialmente utilizado contra inchações, insensibilidades, bolhas e verrugas. Mesmo assim, a lavagem dos pés dos peregrinos constituía um ritual a cumprir em alguns hospitais e era realizado, geralmente, por mulheres que consagravam a sua vida a esta tarefa, imitando o que realizou Cristo aos seus discípulos durante a Última Ceia.

Conta a lenda que dona Estefania, esposa de um conde chamado de “Ponce de Minerva”, Mayordomo de Afonso VII, em 1142, desesperada ante a captura de seu marido pelos mouros, decidiu consagrar a sua vida atendendo e curando os pés dos peregrinos no Monastério de Carrizo, situado às margens do Rio Órbigo.

Um dia, ao lavar e curar, como sempre, os pés de um atormentado, magro e barbado peregrino, reconheceu neste o seu esposo por um anel que levava colocado no seu dedo mínimo. Com a descoberta, decidiram dar graças a Deus pelo encontro e, após dona Estefania liberar-se do seu voto, fundaram o monastério cisterciense de Santa Maria de Sandoval, perto de Mansilla de las Mulas.

### **O cofre de el Cid campeador**

Apesar de não estar ligada diretamente ao Caminho de Santiago, existe uma lenda sobre a história de Rodrigo Díaz de Vivar, “El Cid Campeador” (1043-1099). Ela é narrada num dos primeiros acervos da literatura castelhana, o *Cantar de mio Cid*, e passou sem variações ao acervo místico popular, tomando como engenhosa uma narração que só veio demonstrar as artimanhas empregadas pelos cristãos aos hebreus, que mereciam o mesmo tratamento com que, presumidamente, utilizavam com suas vítimas.

Nesse caso, conta-se que Rodrigo Díaz de Vivar, ao ser exilado por ordem de Alfonso VI, encontrou-se perante a urgente necessidade de obter fundos com os quais seria necessário pagar a “Companhia dos Trezentos” [cavaleiros castelhanos que o acompanhariam em seu exílio]. Sem contar com bens para enfrentar tais gastos, dirigiu-se à casa dos hebreus burgaleses, convencendo-os que lhe adiantassem aqueles valores, deixando em troca um cofre que, segundo assegurou, continha todas as suas joias. Os hebreus aceitaram o trato e, acreditando que obteriam muito mais dinheiro, apressaram-se em adiantar a quantia.

Após ter recebido o numerário, Rodrigo saiu imediatamente da cidade com seus homens, e os ingênuos credores, ao abrir o cofre para comprovar os tesouros que tinham adquirido, viram que no seu interior não havia mais que pedras sem valor, perdendo a oportunidade de desfazer o trato.

## **O cofre de el Cid na Catedral de Burgos**

Existem várias versões da lenda. Ao tentar salvar-se do engano em que estava envolvido, Cid, o paladino cristão, entregou autênticas joias familiares aos hebreus, porém o Senhor, castigando a avareza, encarregou-se de convertê-las em pedras sem valor, sem que mudasse em nada a vontade ou a intenção do cristão castelhano. Acrescenta-se a esta versão que, ao regressar a Burgos, Cid resgatou as pedras entregues aos credores como o produto do despojo obtido dos mouros, retornando as pedras, milagrosamente, à sua forma verdadeira de joias autênticas.

O cofre de el Cid encontra-se sobre um suporte na parede da capela de Corpus Christi da Catedral de Burgos.

## **A ponte de Órbigo: “Paso honroso”**

A Ponte de Órbigo fica entre os *pueblos* de: Puente de Órbigo e o Hospital de Órbigo sobre o rio Órbigo. É uma das mais famosas pontes do Caminho tanto por sua qualidade arquitetônica como por sua história. Foi ainda o cenário de várias batalhas entre os suevos e visigodos (452), passando pelo enfrentamento das tropas de Córdoba com as de Afonso III, el Magno (900), e por sua fama sobre os costumes cortesãos do Renascimento, quando surgiram no Caminho.

Pero Rodrigues de Lena conta ter presenciado, in loco, a disputa protagonizada por Don Suero Quiñones, que mais tarde faria parte da literatura como *Paso honroso*, que constituía no desafio de disputar a ponte a fim de atravessá-la. Conta a história que no Ano Santo Compostelano de 1434, Don Suero Quiñones declarou seu amor a uma dama. Apesar de ser um rico e valoroso cavaleiro de Lião (França), a dama o recusou. Foi uma derrota difícil de aceitar. Contrariado, Don Suero espalhou a notícia de que não permitiria que cavaleiros peregrinos passassem pela ponte sem que duelassem com ele. Jurou quebrar 300 lanças, o que significava derrotar 300 cavaleiros.